

Ludwig da Baviera

J. Roberto Whitaker Penteadó

Nas montanhas, lá, onde livre te sentes. Leio muito à noite, e viajo para o sul durante o inverno. - T. S. Eliot, Terra Desolada (The Wasteland)

Desde que assumi a última página desta revista (em abril de 1979; sim, meus jovens, são 30 anos) – com carta branca do Armando Ferrentini para escrever sobre o assunto que quisesse, nunca imaginei que escreveria – um dia – sobre o rei da Baviera Ludwig Friedrich Wilhelm, ou, mais simplesmente, Ludwig II.

Mas vocês vão ver que tem muito a ver, com uma porção de coisas. A primeira delas é que não se deve dizer ou escrever Bavaria para nomear este importante estado alemão. Em português é Baviera – e quem criou a cerveja Bavaria, no Brasil, ou não sabia disso ou preferiu a denominação em inglês. Em alemão, Baviera é Bayern. As iniciais BMW, por exemplo, significam Bayerische Motoren Werke, em português: Fábrica de Motores da Baviera – e não da “Bavaria”.

Segundo, nós, brasileiros, entendemos pouco de nobreza europeia – além da rainha Elisabeth II, D. João VI ou Napoleão. São tantos os reis, imperadores, príncipes, duques e arquidukes, que não temos reserva mental para todos. Assim, este Ludwig entrou na minha vida por dois caminhos: o primeiro foi o lindo castelo de Neuschwanstein, encarapitado numa montanha, perto da Floresta Negra, que Walt Disney usou como modelo para o castelo de Cinderela, no desenho, e que acabou, de fato, reconstruindo, na primeira Disneylândia. O segundo foi quando descobri Wagner e sua música. e soube que viveu anos à custa do rei, tendo dele obtido, também, verbas para construir seu teatro e sua casa, em Bayreuth. Dizem os especialistas que a tetralogia das óperas que compoem O Anel do Nibelungo simplesmente não existiria, se não fosse pelo mecenato de Ludwig.

Aprendi também que Ludwig tem, até hoje, péssima reputação, entre certas pessoas, por ter-se dedicado a erigir castelos (construiu 4, reformou 2 e deixou planos para outros), apoiar as artes e os artistas e (recentemente, quando se começou a falar abertamente dessas coisas) porque era homossexual.

Foi assim que aluguei o DVD de um catatau de 4 horas de duração, dirigido por Lucchino Visconti, chamado – adivinharam – Ludwig. Pode parecer incrível, mas valeu a pena. LC conseguiu reconstituir quase fotograficamente o que deve ter sido a história deste peculiar soberano.

Caso V. seja um cinéfilo, vá e alugue o DVD para tirar as próprias conclusões. Mas a minha impressão é a de que, além de construir os castelos (que, hoje, são atrações turísticas extremamente lucrativas para o governo alemão) e de assegurar à posteridade as extraordinárias óperas que constituem o Anel, Ludwig foi um cara legal, politicamente hábil, pacifista e bom caráter, pois não quis empatar a vida da prima com um casamento de fachada, já que gostava de homens. Também acabou sendo morto através de uma conspiração e a falsa acusação de que era louco e se drogava. Pode?

Em matéria de rei, sou mais Ludwig da Baviera do que tantos tiranetes que adquiriram sua imerecida fama através de invasões, guerras e violência.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?ID=520>>. **Acesso em:** 22 jul. 2009.